

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA: CONHECER O PASSADO PARA ENTENDER O PRESENTE

Silvana Dias Cardoso Pereira ¹
David da Silva Pereira ²

RESUMO

Este trabalho tem como objeto um estudo do Curso da língua materna-notas para sua direção, do ano de 1892 de autoria de João Köpke (1852-1926) com a finalidade de apresentar à comunidade acadêmica o seu conteúdo discursivo e sua materialidade. Para tanto, o livro foi utilizado como fonte e objeto de pesquisa numa leitura que considera as informações nele contidas como indícios históricos da educação no Brasil do fim do Império e início da Primeira República. Organizado de forma bastante peculiar, o livro é um manual para professores destinado ao Ensino da Língua Materna organizado em seções, capítulos e parágrafos. Para a compreensão da sua estrutura, conteúdo e contexto, foram empregados estudiosos da História do Livro como Roger Chartier, do livro didático como Allan Choppin, além do conjunto de esforços liderados por Norma Ferreira em pesquisas sobre esse autor. No processo de investigação foi possível contribuir para a compreensão do modo como se deu o ensino no período de utilização desse manual em escolas públicas e privadas, conhecer novas edições do curso de Köpke e suas particularidades de usos assim como pensar novas possibilidades de pesquisas na comparação das edições e suas instabilidades, cadernos utilizados na época, notações gramaticais, documentação e guarda dos materiais encontrados.

Palavras-chave: João Köpke, Manual, Ensino, Língua Materna, Primeira República

INTRODUÇÃO

O Curso da língua materna, 1892, obra que é a fonte e objeto dessa análise é um manual para ensino da língua materna na Escola Primária Neutralidade, organizada e dirigida por João Köpke em São Paulo e no Rio de Janeiro no fim do século XVIII e início do XIX. O dicionário define curso como: “série de lições relativas à determinada matéria, compêndio que encerra tais lições: ex. curso de Geometria (...) ou a uma disciplina em particular”³. O Curso da língua materna (CLM) – notas para sua direção, é um manual para auxiliar professores, de forma científica e prática no dia a dia da sala de aula em relação ao conteúdo de língua materna e às orientações didáticas para o uso escolar, feitas com riqueza de detalhes na apresentação e na organização do programa.

Essa exposição minuciosa nas orientações aos mestres, nas diferentes formas de acesso ao conteúdo e no modo de operá-lo, levam-nos a inferir que a obra extrapola o que seu

¹Doutora em Educação pela Universidade de Campinas/Grupo ALLE/AULA. Professora da educação básica (1º ao 5º ano) da Prefeitura Municipal no norte do Paraná. pereirasilvana319@yahoo.com.br.

² Doutor em Ciência Política (IFCH, Unicamp, 2013. Membro permanente do PPGEN-Multicampi Cornélio Procópio e Londrina, Formador de professores para a Educação Básica local e regional – UTFPR-Cornélio Procópio/PR. E-mail: davidpereira@utfpr.edu.br;

³ Dicionário *Online* de Português.

subtítulo anuncia: notas para a sua direcção⁴. Não se trata apenas de esboço de um curso, mas de todo um conjunto necessário para o seu desenvolvimento por aqueles que o adotarem em suas instituições. Trata-se de uma obra com finalidade didática que demonstra grande preocupação de seu autor em auxiliar os mestres de sua época, fazendo acompanhar as lições uma espécie de “formação continuada” ao dar aos professores orientações pormenorizadas de como ensinar ao longo dos onze anos letivos previstos no programa.

O conteúdo do manual é dividido em três Seções, identificadas também por Graus, e subdivididas em Capítulos e Parágrafos que orientam o professor na condução do programa de Língua Materna. Esse programa organiza o conteúdo da Língua Materna a ser ensinado com início na aquisição da forma gráfica no primeiro ano do primeiro grau e progride até o uso avançado da Língua por meio da composição e do discurso, atividades essas previstas para o terceiro grau do ensino que se estende por onze anos. Desde o primeiro grau, a oralidade e a escrita ocorrem simultaneamente por meio de exercícios de aquisição da forma gráfica, de retificação, de ampliação e de relacionamento do vocabulário pré-escolar, de composição e discurso, todos pautados no método intuitivo ou lições de coisas⁵.

O CLM, que tem como centralidade o ensino da língua e não das coisas, é elaborado visando: “1º. dar aos alunos a mais ampla capacidade para a expressão exacta, correcta e esthetica dos seus pensamentos; 2º. permitir-lhes a mais fácil assimilação possível de tudo quanto n’essa língua possa ser exprimido” (Köpke, 1892, p. 20).

Assim, para Köpke, a linguagem é “assimilação do pensamento alheio n’ella expresso sob a forma oral e graphica, e a expressão do próprio por modo eficaz e correcto” (Köpke, 1892, p. 24). Assimilação do pensamento que emerge da observação, experimentação e impressão dos (bons) usos da linguagem oral e escrita a que a criança é exposta em seu meio exterior. Expressão do próprio pensamento por meio de exercícios práticos de descrição dos fenômenos e coisas pela aquisição do hábito da enunciação clara, precisa, correta e bela.

Segundo Köpke, o processo didático para atingir esse objetivo do Ensino abarca três graus necessários: “1º. a aquisição da forma gráfica desconhecida pela forma oral conhecida; 2º. a rectificação e ampliação do vocabulário pré-escolar, e o relacionamento dos vocábulos; 3º. a composição e o discurso” (Köpke, 1892, p. 22).

Cada um desses graus “compreende vários exercícios, que se explicam e exemplificam ao diante, em secções especiaes, não como modelos a constituir uma rotina,

⁴ Nesse Dicionário, destacamos os seguintes entre os significados atuais: indicação curta para lembrar alguma coisa; marca. Comentário sucinto; esclarecimento. Apontamentos que se tomam acerca de um assunto sobre o qual se vai discorrer ou escrever.

porem como sugestões ao mestre de boa vontade” (Köpke, 1892, p. 22). Conforme o “Índice Geral” e o programa disponibilizados pelo autor no final do seu manual de ensino. Essas três seções, que correspondem respectivamente aos Exercícios do 1º. Grau, do 2º. grau e do 3º. grau indicam um processo que se inicia com a entrada da criança no ensino regular, com sete para oito anos e que já adquiriu um conjunto de palavras como símbolos dos objetos, normalmente familiares ao seu cotidiano e aprendidas porque ouvidas e faladas.

Um processo sem fastio e com prazer, segundo Köpke, que se estende pela execução de muitos e diversos exercícios da linguagem, nos quais o aluno ainda vai descobrindo e aplicando em diferentes estruturas as formas linguísticas adequadas quanto à correção e estética que não seguindo os preceitos e regras da Língua. Na última seção, o aprendiz torna-se capaz de elaborar, de forma oral e escrita suas composições e seu discurso, com mais liberdade e autonomia de posse de suas faculdades de entendimento e do conhecimento da Língua.

A marcha do ensino da Língua prevê assim que, desde o início, o aluno é quem se educa, quem ativa sua inteligência (observa, confronta, compara, substitui, relaciona expressões e vocábulos) e amplia os usos da linguagem pelas muitas e diversas atividades a que é submetido, incitado pelo mestre.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ferreira (2014) investigou o manuscrito Versos para pequeninos em sua tese de livre docência, o que muito contribuiu tanto teórica como metodologicamente para este trabalho, pois ao analisar essa obra de João Köpke, a pesquisa nos norteia pela natureza de análise que situa nosso objeto e fonte de pesquisa em seu período de produção, assim como o contextualiza em relação às outras obras produzidas por Köpke, procurando responder a questões relativas às outras produções postas em circulação no mesmo período.

Panizzolo (2006), em sua tese de doutorado, apresenta João Köpke em uma extensa pesquisa que muito tem colaborado com aqueles que buscam uma maior compreensão da História da Educação em suas várias possibilidades de abordagem nele e em sua obra. No resumo de seu trabalho, transmite a dimensão e o alcance a que se propõe e cumpre – “retirar do esquecimento, estudar o educador, evidenciar a singularidade de João Köpke como intelectual da educação” - e, da mesma forma, ater-se ao seu contexto e atuação na educação por meio de “sua trajetória intelectual, o estudo dos estabelecimentos escolares onde

trabalhou, a análise de suas cartilhas, de suas conferências e de seus livros de leitura” produzidos para atender o sistema educacional da época.

As pesquisas de Leffa (2000) ajuda a pensar nas questões da língua e o ensino com utilização do léxico, uma vez que o conhecimento da fonologia, morfologia e sintaxe de uma língua pode ter seu aprendizado limitado, enquanto o léxico pode ser aumentado continuamente.

Roger Chartier (1990; 1994; 1996; 1998a; 1998b; 2002; 2004; 2007), teórico da História Cultural contribui de maneira fundamental ao nos ajudar a pensar sobre o objeto livro como fonte e objeto de pesquisa ao percebermos o quanto o conteúdo é invadido pela materialidade do objeto. Todas essas referências permitem olhar para o livro como fonte e objeto de pesquisa, assim também Foucault (1999) ajuda-nos a refletir sobre as palavras e as coisas que designam, como signos arbitrários utilizados para representar alguma coisa, um objeto, por exemplo, num determinado momento da história da língua.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender melhor a proposta de Köpke, tomemos como exemplo a primeira atividade proposta por ele e façamos uma análise mais detida. Trata-se da atividade intitulada Conversação, pensada para os três primeiros anos do curso. Inicialmente o recurso usado pelo autor para introduzir seu leitor na condução da atividade é o de destacar alguns princípios que orientam o trabalho cotidiano do professor de acordo com o método intuitivo. Num primeiro momento, chama a atenção do mestre para o objetivo da atividade ao mesmo tempo que lhe aponta os princípios teóricos importantes: “comquanto ponha em atividade e estimule a observação dos alumnos, o escopo d’este exercício é obrigá-los ao uso expedito do vocabulário pela resposta às interrogações que lhes dirige o mestre” (Köpke, 1892, p. 21).

É possível identificar um destaque para alguns princípios que caracterizam o método intuitivo e espera-se que o mestre conduza tal atividade apoiado nesses princípios nessa atividade modelo da primeira orientação dada pelo autor. É esse caminho que Köpke constrói para dirigir-se ao mestre, esperando que ele se aproprie do método intuitivo no Ensino da Língua Materna para conduzir sua turma e garantir o uso adequado do programa que divulga por meio de seu manual.

Em um outro momento, o autor continua a orientação de como deve ser o trabalho, exemplificando com falas e ações do mestre para garantir que a atividade seja concretizada segundo o método por ele divulgado. João Köpke externa preocupação com a formação desse

mestre, com atualização de sua prática e propõe, em seu tempo, uma nova postura diante da classe e do conteúdo a ser desenvolvido, ou seja, um novo modo de ensinar:

Escolhido o assumpto, que será sempre ou tirado do meio em que os alumnos vivem, ou matéria explicada em outras aulas, ou representações de scenas historicas (...) as interrogações formuladas em termos accessiveis à intelligência (...) não comportem respostas de sim ou não, mas exijam algum desenvolvimento. Sabe o mestre, que comprehende a sua missão, as opportunidades postas por semelhante exercicio, ao seu alcance, (...) “mas que ative não só a curiosidade das crianças, como também lhe estimule o senso esthetico (...) aproveitando a conversação para falar-lhes ao coração e à imaginação (...) lembrado mais do que a observação minuciosa e attenta, a emoção que interessa e apaixonona, torna vividas as nossas impressões (Kôpke, 1892, p. 22).

Tem-se aí um autor que, didaticamente, dirige-se aos professores, preocupado em detalhar o método intuitivo ao orientar a atividade, estimular a observação atenta e minuciosa do quadro, promover a conversação que ativa a curiosidade, o senso estético, a imaginação e a emoção que “torna vividas as nossas impressões” (Kôpke, 1892, p. 22).

O diálogo, didática a ser inserida em aula de acordo com as lições de Calkins, prolonga-se com o mestre chamando outros alunos e insistindo para que a turma atenda ao objetivo da lição. Se não bastasse a explanação do objetivo da atividade e os princípios teóricos e metodológicos que a orientam, Köpke utiliza-se de um outro recurso demonstrativo de como o professor deve conduzir sua conversação. Ele reproduz um conjunto de perguntas do mestre e de respostas dos alunos em torno de um tema suscitado por um quadro disposto à frente da classe como na lição modelo O conviva inesperado, primeira atividade prevista no livro:

O mestre colloca diante da classe um quadro que tem este título.
Mestre - o que achas tu, Jayme, d’esse quadro?
Alumno – Acho que é muito bonito.
M – Mas porque é que o achas bonito?
A - Porque me agrada a carinha alegre do menino e a sem – cerimonia do passarinho (Kôpke, 1892, p. 26).

O autor dirige-se ao seu leitor - o mestre - ao reproduzir uma possível cena de sala de aula, demarcar os papeis e as falas dos envolvidos e exemplificar nos mínimos detalhes um possível diálogo a ser feito de acordo com os princípios do método intuitivo. Para o autor do curso, esse leitor deve ser conduzido devagar e de forma recorrente, com o objetivo de aprender os novos fazeres pedagógicos numa orientação bem detalhada para que o mestre

organize o seu programa de lições, no dia a dia da escola, a partir de um grande número de modelos que podem colaborar para a aplicação correta dessas instruções.

Previsto um diálogo (conversação) entre o professor e a turma, o autor, por exemplo, demarca os passos de condução da aula, em que “o mestre lança no quadro negro” (Kôpke, 1892, p. 17) as respostas dadas pelos alunos que as copiarão em seus “cadernos cédulas”⁶, como no modelo estampado nesse exemplo e em vários outros exercícios ao longo do livro. Ao concluir a lição da conversação, “estará traçado o quadro negro” por meio de uma cédula que corresponde a uma espécie de síntese das respostas dos alunos distribuídas em colunas verticais e preenchidas em linhas horizontais, compondo as informações descritivas sobre um objeto/cena/fato observados pela turma a partir das interrogações do professor.

Ao longo do livro, os modelos de aulas funcionam para um mestre que deverá mudar sua didática diante de novos conhecimentos que exigem, por sua vez, novas conduções da aula. A obra, então, mais do que um programa de curso para os onze anos de formação nessa escola, tornar-se um valioso instrumento de trabalho do professor que assume um novo papel nas relações de ensino. O manual ocupa o lugar de um elemento mediador que ensina não somente os alunos, mas também os mestres:

Não faltará quem diga, ao lêr alguns d’elles [dos trabalhos dos alunos], que ahi ha o dedo do mestre. Ha-o em todos, porque é elle que aponta aos que têm de andar por trilhas mal ensaiada. O mestre esteve presente: 1º. Pelo esboço; 2º. Encaminhando os alumnos a se servirem do material armazenado, de accordo com as regras da boa estrutura. O mestre, porem, suggerindo e fazendo reflectir, não forneceu uma palavra, que os alumnos podessem dar pelo seu anterior preparo. E não será mesmo fazendo-os compôr, sob uma direcção intelligente e constante, que os alumnos chegarão a compôr bem? Não irão elles, a pouco a pouco, eliminando a intervenção do mestre, para, pela arte adquirida com seu anterior auxílio, produzirem-se por si? – Somente quem nunca assim ensinou, não saberá responder (Kôpke, 1892, p. 43).

Ao manusear a obra, é possível reconhecer um autor, que dirigindo-se ao mestre na sala de aula, apresenta um minucioso modo didático de trabalhar o conteúdo da disciplina em uma sequência que se divide em Prefacio, SECÇÃO 1, SECÇÃO 2, Capitulo I, Capitulo II, Capitulo III, SECÇÃO 3 e Conclusão. Nessa sequência, há orientações que guiam o trabalho do docente em suas condições de trabalho no cotidiano, indicando e exemplificando atividades, modos de conduzir a aula com perguntas sobre assuntos retirados do meio em que a criança vive e com intervenções para ampliar o vocabulário, melhorar a leitura e a escrita e

⁶ Os “cadernos-cedulas” são lugares do registro do trabalho feito pelo mestre no quadro-negro, de acordo com modelos, “seguindo, mais ou menos, o plano indicado nas Lições de Coisas, de N. Calkins, tradução de Rui Barbosa” (Kôpke, 1892, p. 21).

iniciar os estudos linguísticos e literários. Em relação ao modo de fazer, o curso dá ao professor a escolha por transcrever na lousa ou ditar aos alunos partes do manual, ou ainda, por utilizar os livros de leitura em série (de preferência os do próprio autor) destinados aos alunos. A “Conversaão”, por exemplo, número 2, destinada aos alunos do 1º, 2º e 3º. Anos (p. 21), ilustra o que se compreende por um CLM, que mescla conteúdo a ser ensinado, relações de ensino no interior de uma determinada atividade que alia conhecimento, didática e práticas de ensino bem sucedidas.

Buscando as estratégias discursivas usadas pelo autor ao dirigir-se aos professores, ao longo da apresentação do programa de língua materna, percebe-se a intenção de detalhar e descrever ações de como os mestres devem proceder no encaminhamento das atividades, e orientações pontuando conceitos para que uma nova prática possa ser efetivada.

Como exemplo, discute-se a primeira atividade proposta no livro por Köpke: “Conversaão” (1º, 2º, 3º. Anno). Inicialmente o recurso usado pelo autor para introduzir seu leitor às noções básicas da ciência para a condução da atividade é o de destacar alguns fundamentos que orientam o trabalho cotidiano do professor de acordo com os princípios da pedagogia (método intuitivo) que se quer que eles se apropriem.

Primeiro chamando atenção do mestre para o objetivo da atividade ao mesmo tempo que lhe aponta os princípios teóricos importantes: “Comquanto ponha em atividade e estimule a observação dos alunos, o escopo d’este exercicio é obrigar-os ao suo expedido do seu vocabulário pela resposta às interrogações que lhes dirige o mestre: (...)” (Köpke, 1892, p. 21).

A criança, na oralidade, joga várias palavras do seu vocabulário “(...) por comparação, analogia e contraste, espontaneamente” (Köpke, 1892, p. 18), exprimindo corretamente tanto quanto mais forem os bons modelos do meio em que a criança vive.

A imitação desempenha papel importante na dinâmica pedagógica de Köpke na aprendizagem da língua, pois para ele, os falantes de uma língua enriqueceram seu vocabulário e tiveram a inteira posse da língua usando dela por meio da imitação e pelo hábito, dando preferência aos bons modelos.

O ensino da Língua Materna, segundo Köpke, vai se configurando como aquele calcado no uso e prática da língua, pela imitação dos bons modelos presentes na oralidade e aprendidos antes da frequência à escola, no lar, sabendo que o vocabulário varia em função do meio frequentado e se amplia diante da ação e intuição provocada pelo aprendiz.

É assim, que no CLM, João Köpke revela, explicitamente, a sua fidelidade aos princípios das Lições de coisas⁷ e o diferencia porque aplicado integralmente ao ensino da língua materna, conforme ele coloca, no capítulo I (Rectificação do uso do vocabulário pré-escolar referente à forma oral):

(...) Descrição oral de objectos communs por meio de lições de cousas (1º.; 2º; 3º annos). Desde que é condição que os objetos sejam communs, as palavras com que se designam, no todo, já nas partes, se supõem conhecidas, e, por isso, trata-se principalemnte de verificar-se se os alumnos as emittem e empregam correctamente. A Lição de cousas deve fazer-se com auxilio do quadro negro, como preceitua Calkins (...)”, pois a instrucção principal aqui é na língua e não nas cousas”. (Köpke, 1892, p. 29).

Devemos advertir que, com a falta dos bons livros escolares, mais se difficulta a realização do programma aqui esboçado. Na nossa pratica, servimo-nos, nos primeiros annos, dos nossos ‘livros de leituras moraes e instructivas’ de que estão publicados, e em via de reedição, o 1º, e 2º (...) e o 3º, e que já se acham de fato à venda, pelos editores – proprietários Teixeira & Irmão, em São Paulo (Köpke, 1892, p. 104).

De fato, no CLM (1892, p. 20), o vocabulário ganha destaque. É ponto de partida porque o aluno já o traz pelos variados modelos a que ele é exposto “na razão do meio que o frequenta”. Espaço para ampliação, o vocabulário pode ser adestrado pelo manejo, verificado e retificado, alargando-se em sua capacidade de expressão pelos bons modelos que o mestre oferece aos discípulos. (Köpke, 1892, p. 20). E, nesse caminho percorrido pelos exercícios da indução, o ponto final do ensino é marcado pela descoberta de leis gramaticais ou da lógica do funcionamento da língua pelos aprendizes.

Segundo Köpke, o processo didático para atingir esse objetivo do ensino da língua materna abarca [três] graus necessários: “1º a aquisição da forma gráfica desconhecida pela forma oral conhecida; 2º a rectificação e ampliação do vocabulário pre-escolar, e o relacionamento dos vocábulos; 3º a composição e o discurso”. (Köpke, 1892, p. 22). Cada um desses graus, por sua vez, segundo o próprio Köpke, “(...) comprehende vários exercícios, que se explicam e exemplificam ao diante, em secções especiaes, não como modelos a constituir

⁷ Hilário Ribeiro também, na lição XL “Narrações e Descrições”, exercício CLXLVIII, coloca como Observação” aos professores: “Estes exercicios, muito usados nas escolas americanas, onde os fundamentos da educação inteiramente pratica estão ha muito estabelecidos, são da maior importancia, pois desenvolvem simultaneamente a attenção, a reflexão, a curiosidade, a imaginação e a concepção dos meninos. Por meio da observação é que se adquirem os conhecimentos, ideas exactas das cousas que nos cercam, e se desperta o amor pela s bellezas e maravilhas do mundo. E depois, não haverá tambem nesses trabalhos a associação do prazer à instrucção?”.

uma rotina, porem como sugestões ao mestre de boa vontade.” (Kôpke, 1892, p. 22), conforme o Índice Geral.

A obra funciona em um modelo peculiar do programa do CLM (Kôpke, 1892, p. 107-11), expondo seu conteúdo de forma sintética, distinguindo ensino oral do ensino escrito, apresentando propostas de lições de exercícios de modo bem detalhado e atividades práticas a serem coordenadas pelos mestres, seguidas de produções realizadas por seus alunos no Instituto, acompanhadas de orientações explícitas para facilitar o trabalho docente. (Kôpke, 1892). Esse curso funciona como um guia aos professores interessados em mudar sua prática de ensino tendo como modelo a prática exercitada pelo próprio autor, amplamente exemplificada em seu manual.

Torna-se uma obra pedagógica com valor no contexto do caos⁸ em que se encontra o ensino, capaz de mostrar o que se há de fazer – como guia feito por mãos de mestre e para mestres, capaz de criar as regras a serem seguidas por todos os professores sem depender da inventividade de cada um traz os pontos de comparação, as sugestões para que o trabalho pedagógico alcance seus objetivos baseados no Ensino da Linguagem.

O Prefácio de Caetano de Campos e o texto Conclusão do próprio Kôpke definem o destinatário previsto para a aplicação de uma proposta pedagógica inovadora, já cumprida com sucesso pelo seu autor do manual:

Falla-se muito atualmente em reforma do ensino. Fazem-se de um lado decretos, confusinários uns, anachronicos outros - É o governo a fazer-se pedagogo – Os professores, de outro lado, agitam-se, proclamam enfaticamente as vantagens do processo intuitivo – que a maior parte das vezes poucos sabem praticar – mas deixam tudo no mesmo estado. É o professorado a querer legislar. Como consequencia inevitavel so se evidencia uma gralhada inútil, mas extenuante. Quando se tiver assentado no que se há de fazer, como havemos de pôr em pratica o que ficar disposto? Escrevendo bons livros, ou methodos, como geralmente se diz, não é verdade! Sem esses guias traçados por mão de mestre e para mestre, nenhuma regularidade pôde haver na direção do ensino (Campos, *apud* Kôpke, 1892, p. X).

O CLM é lançado como um manual em um período em que se discute novas direções para o ensino, com reformas e decretos do governo, a implementar novas e modernas pedagogias, mas ainda com poucas experiências práticas realizadas no país. Assim, coloca Campos (1892, p. VII): “estava por fazer um livro que indicasse ao professor a vereda a seguir para obter da creança tudo que ella pudesse dar, segundo sua idade, sua psychologia,

⁸ A palavra caos é usada por João Kôpke para se referir à ausência de bons livros, organização e direção aos mestres em seu trabalho de ensinar.

sua riqueza de conhecimentos (...). Só um pedagogo de sua força (...), seria capaz de uma tal proeza”.

Nesse sentido, esse prefaciador parece compor um cenário de poucos bons livros de acordo com as novas diretrizes pedagógicas do governo, escritos por quem construiu uma imagem de competência e uma posição que o legitima naquilo que escreve, um pedagogo que considera a urgência da situação para ajudar seus destinatários, mestres representados como agitados que “proclamam emphaticamente as vantagens dos processos intuitivos – que a maior parte das vezes poucos sabem praticar” (Campos, 1892, p. III).

Diferentemente da produção livresca adaptada dos textos estrangeiros ou realizada por escritores intelectuais mais próximos do poder do Estado e formados nos grandes centros internacionais do mundo científico, escritores da primeira geração de livros didáticos conforme Bittencourt (2004), o CLM expõe uma particular experiência pedagógica proveniente de cursos primários e secundários de um mestre que decidindo socializá-la para colaborar na renovação pedagógica de outros mestres. Faze-o nessa obra, como também quando palestrante ou escritor em jornais de grande circulação, ou ainda em revistas de ensino. Não são poucos também os indícios do envolvimento de João Köpke em iniciativas para a formação de professores em um número razoável de notícias sobre palestras, cursos e associações dirigidas aos mestres com o objetivo de contribuir na sua formação. A edição nº. 281 do *Jornal do Comércio*, de 1886, noticia uma série de conferências populares que ocorrem nos edifícios das escolas públicas da freguesia da Gloria: a de nº. 535 sobre *Educação esthetica e cívica*; a de nº. 536 sobre museus escolares. Já a edição nº. 475 do *Diário de Notícias*, de 1886, anunciou a conferência de nº. 533 do Dr. João Köpke sobre educação integral.

É esse caminho que Köpke constrói para dirigir-se ao mestre, de quem espera que se aproprie do método intuitivo no Ensino da Língua Materna para conduzir sua turma e garantir o uso adequado do programa que ele preparou e divulgou. Em um outro momento, o autor continua a orientação de como deve ser o trabalho, exemplificando com falas e ações do mestre que garantam a concretização da atividade segundo o método intuitivo. Uma preocupação com a formação desse mestre, uma atualização de sua prática, uma nova postura diante da classe e do conteúdo a ser desenvolvido, ou seja, um novo modo de ensinar:

Escolhido o assumpto, que será sempre ou tirado do meio em que os alumnos vivem, ou matéria explicada em outras aulas, ou representações de scenas historicas (...) as interrogações formuladas em termos accessiveis à intelligência (...) não comportem respostas de sim ou não, mas exijam algum desenvolvimento. Sabe o mestre, que comprehende a sua missão, as

oportunidades postas por semelhante exercício, ao seu alcance, (...) mas que ative não só a curiosidade das crianças, como também lhe estimule o senso estético (...) aproveitando a conversação para falar-lhes ao coração e à imaginação (...) lembrado mais do que a observação minuciosa e atenta, a emoção que interessa e apaixona, torna vividas as nossas impressões (Köpke, 1892, p. 22).

Tem-se aí um autor que didaticamente se dirige aos professores esmiuçando o método intuitivo, que orienta a atividade, que estimula a observação atenta e minuciosa do quadro, que promove a conversação que conduz para ativar a curiosidade, o senso estético, a imaginação, a emoção que “torna vividas as nossas impressões” (Köpke, 1892, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso da língua, de 1892, objeto e fonte desse estudo, é um manual para mestres preparado por João Köpke (1852-1926) para auxiliá-los no trabalho de sala de aula nos onze anos de ensino previstos em uma proposta que reúne teoria, orientações didáticas e exercícios num único compêndio. Seu conteúdo é dividido em três Seções também identificadas por graus e subdivididas em capítulos e parágrafos que orientam o professor na condução do programa de Língua Materna. Esse programa organiza o conteúdo com início na aquisição da forma gráfica no primeiro ano do primeiro grau e progride até o uso da língua por meio da composição e do discurso que ocorrem no terceiro grau do ensino. Desde o primeiro grau, a oralidade e a escrita ocorrem simultaneamente por meio de exercícios de aquisição da forma gráfica, de retificação, de ampliação e de relacionamento do vocabulário pré-escolar, de composição e discurso, todos pautados no método intuitivo ou lições de coisas. Por meio desse estudo, foi possível perceber que tanto a prática do ensino de língua materna quanto o seu conteúdo vêm passando por períodos de ênfase no ensino da gramática e sua refutação, havendo permanências de um intervalo temporal para outro na constituição dessa História da Língua.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, C. M. F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-91, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a08v30n3.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- CAMPOS, C. “Prefácio”. In: KÖPKE, J. **Curso de língua materna**: para uso das escolas primária. Notas para sua direção. Imprensa São Paulo, São Paulo: Teixeira, 1892, p. III-IX.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1998a.

CHARTIER, R. **As utilizações do objecto impresso**. Algés: DIFEL; Difusão Editorial, 1998b.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, R. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CHARTIER, R. **Inscrever e apagar**. Cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/curso/>. Acesso em: 15 out. 2021.

FERREIRA, N. S. A. **Um estudo sobre Versos para os pequeninos, manuscrito de João Köpke**, 2014. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em:

https://www.alleaula.fe.unicamp.br/pf-alleaula/texto_completo_pesquisa_27.01.pdf. Acesso em 10 out. 2021.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8a. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

KÖPKE, J. **Curso de lingua materna para uso das escolas primarias: notas para sua direcção**. São Paulo: Teixeira & Irmão, Editores, 1892.

LEFFA, V. J. **Aspectos externos e internos da aquisição lexical**. In: LEFFA, V. J. (Org.). **As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem**. Pelotas, 2000, v. 1, p. 15-44.

PANIZZOLO, C. **João Köpke e a escola republicana: escritor de leitura, escritor da modernidade**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2006.

VALDEMARIN, V. T. **Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo**. Campinas: Autores Associados, 2004.